

eisfluências

Revista Literária e de Informação

Fundada em 15 de Outubro de 2009 ⇨ Publicação Bimestral

Dezembro de 2012

Ano III - Número XX

PALESTRA: ALGUNS ASPECTOS SOCIAIS DA PEDAGOGIA, DA TECNOLOGIA E DA FILOSOFIA

PROFERIDA POR MARCO BASTOS

Curso de Extensão de Filosofia Educação e Cultura
sala B3 da Faculdade 2 de Julho, Garcia, dia 27.10.12, às 16h.
CEPA - CENTRO DE ESTUDOS, PENSAMENTO E AÇÃO

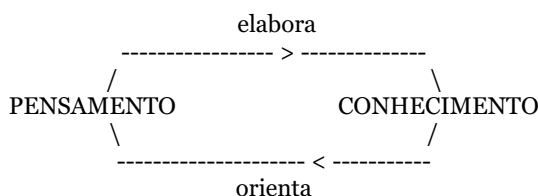
1) O CONHECIMENTO

PARA VYGOTSKY:

O CONHECIMENTO É UM PROCESSO DE INTERAÇÃO ENTRE O SUJEITO E O MEIO, SENDO O “MEIO” NÃO SOMENTE O MEIO FÍSICO, MAS TAMBÉM OS SEUS COMPONENTES SÓCIO-CULTURAIS.

2) METAFÍSICA E DIALÉTICA NA ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO

METAFÍSICA:



DIALÉTICA:

O CONHECIMENTO

elabora / \orienta

O PENSAMENTO

O PENSAMENTO

condiciona \ / dirige

A ATIVIDADE

3) ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES PARA O PROCESSO DE APRENDIZADO

CONSTRUTIVISMO DE PIAGET:

O SER HUMANO É CONCEBIDO COMO UM PROCESSADOR DE INFORMAÇÕES, ATIVO E EXPLORADOR, QUE CONSTRÓI SEU PRÓPRIO CONHECIMENTO E SE ADAPTA AO MEIO AMBIENTE POR MEIO DE PROCESSOS DE REESTRUTURAÇÃO COGNITIVA:

- ASSIMILAÇÃO
- ACOMODAÇÃO
- EQUILÍBRIO

AS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO SÃO:

- **SENSORIAL E MOTORA**
- **PRÉ-OPERATÓRIA**
- **OPERAÇÕES CONCRETAS**
- **OPERAÇÕES FORMAIS.**

O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM INICIA-SE NO PRIMEIRO ANO DE VIDA E O “DISCURSO” SE CLASSIFICA COMO:

- **LINGUAGEM EGOCÊNTRICA: REPETIÇÃO E MONÓLOGO**
- **LINGUAGEM SOCIALIZADA: INFORMAÇÃO, PERGUNTAS E CRÍTICA.**
-

PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO É UM PROCESSO DE ACEITAÇÃO DE VALORES. É UM PROCESSO DIALÉTICO DE ASSIMILAÇÃO E ACOMODAÇÃO, POR MEIO DO QUAL O SUJEITO SAI DE SI E SE ENVOLVE COM O MUNDO.

O DESENVOLVIMENTO MORAL PASSA POR TRÊS ETAPAS:

- **MORAL HETERÔNOMA**
- **RELATIVISMO MORAL**
- **MORAL AUTÔNOMA.**

ANÁLISE CRÍTICA DO CONSTRUTIVISMO DE PIAGET:

- **CONCENTRA-SE EM UMA PESSOA MÉDIA E IGNORA AS DIFERENÇAS INDIVIDUAIS**
- **DÁ POUCA IMPORTÂNCIA À INFLUÊNCIA QUE A SOCIEDADE, A EDUCAÇÃO E A CULTURA TÊM SOBRE A PERSONALIDADE.**
- **A APRENDIZAGEM E O CONHECIMENTO SÃO PRODUTOS DA INTER-RELAÇÃO DA PESSOA COM OS OBJETOS/COISAS ATRAVÉS DE AÇÃO TRANSFORMADORA E NÃO DA INTERAÇÃO DO SUJEITO COM OS AGENTES SOCIAIS.**
- **PRESTA DEMASIADA ATENÇÃO AO DESENVOLVIMENTO MOTOR E POUCA ATENÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DA PERCEPÇÃO.**
- **O DESENVOLVIMENTO É DECORRÊNCIA DO PROCESSO BIOLÓGICO ASSOCIADO AO DESENVOLVIMENTO FISIOLÓGICO EM CADA IDADE.**

INTERAÇÃO/ MEDIAÇÃO ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL: VYGOTSKY

O CONHECIMENTO É UM PROCESSO DE INTERAÇÃO ENTRE O SUJEITO, E O MEIO SÓCIO-CULTURAL E FÍSICO.

DESENVOLVE-SE ATRAVÉS DE INTERAÇÕES NO MEIO SOCIAL, COM A MEDIAÇÃO E COOPERAÇÃO DE PESSOAS MAIS CAPAZES.

CARACTERIZA-SE COMO **ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL** A DIFERENÇA ENTRE O DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE, **INDEPENDENTE E REAL**, DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS DO **APRENDIZ** E O NÍVEL MAIS ALTO DE DESENVOLVIMENTO POTENCIAL, DETERMINADO POR SUA HABILIDADE NA SOLUÇÃO DE PROBLEMAS, **COM A ASSISTÊNCIA E COLABORAÇÃO DE PARES MAIS CAPAZES (PROFESSOR).**

A FERRAMENTA PSICOLÓGICA MAIS IMPORTANTE É A LINGUAGEM INICIALMENTE COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, POSTERIOR E PROGRESSIVAMENTE COMO HABILIDADE INTRAPSICOLÓGICA QUE VIABILIZA O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO E DO CONTROLE DE COMPORTAMENTO.

A LINGUAGEM É A FERRAMENTA PSICOLÓGICA ATRAVÉS DA QUAL O SUJEITO APROPRIA-SE DA RIQUEZA DO CONHECIMENTO.

CONHECIMENTO SIGNIFICATIVO DE AUSUBEL

PARA O APRENDIZADO DE REPRESENTAÇÕES, CONCEITOS E PROPOSIÇÕES, O QUE É MAIS IMPORTANTE E SIGNIFICATIVO REFERE-SE AO QUE O APRENDIZ JÁ SABE.

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DÁ-SE PELA ANCORAGEM DOS NOVOS CONHECIMENTOS E INFORMAÇÕES AO CONHECIMENTO PRÉ-EXISTENTE.

- **INCLUSÃO:** PROCESSO DE VINCULAÇÃO DAS NOVAS INFORMAÇÕES AOS ELEMENTOS PRÉ-EXISTENTES NA ESTRUTURA COGNITIVA.
- **SUBSENSORES:** CONCEITOS **RELEVANTES** PRÉ-EXISTENTES NA ESTRUTURA COGNITIVA E QUE SE ATIVAM DIANTE DE UMA NOVA INFORMAÇÃO.
- **ESTRUTURA COGNITIVA** É O CONJUNTO DE CONCEITOS E IDÉIAS QUE UM INDIVÍDUO POSSUE EM UM DETERMINADO CAMPO DO CONHECIMENTO, ASSIM COMO A SUA ORGANIZAÇÃO.

4) QUESTIONAMENTO:

O PENSAMENTO E OS MÉTODOS PEDAGÓGICOS DO SÉCULO XX RECONHECERAM O VALOR DO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO PARA O APRIMORAMENTO E PARA DAR MAIOR EFICÁCIA AO PRÓPRIO PROCESSO DO APRENDIZADO.

A DIALÉTICA LEVOU AO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE INTERAÇÃO, DESENVOLVIMENTO, INTERCOMUNICAÇÃO, MEDIAÇÃO, FACILITAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO CONHECIMENTO.

A DIALÉTICA DO CONHECIMENTO DE CAIO PRADO JUNIOR, O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE E DE OUTROS FILÓSOFOS, SUBORDINAM-SE À NECESSIDADE DE **POLITIZAÇÃO DO PROCESSO PEDAGÓGICO**, ACRESCENTANDO UM COMPONENTE **IDEOLÓGICO**.

NO ENTANTO VIVEMOS EM UM MUNDO ALTAMENTE COMPETITIVO NO QUAL A CONDIÇÃO DE SOBREVIVÊNCIA DAS EMPRESAS RESULTA DA UTILIZAÇÃO DE PROCESSOS PRODUTIVOS DE ALTA EFICIÊNCIA E DE ALTO GRAU DE TECNOLOGIA. TAIS PROCESSOS CADA VEZ MAIS TÊM NÍVEIS MAIS ELEVADOS DE MECANIZAÇÃO, DE AUTOMATIZAÇÃO E DE ROBOTIZAÇÃO.

EMBORA A EQUAÇÃO DA EMPRESA, DE COBB-DOUGLAS, PERMITA-NOS VISLUMBRAR A POSSIBILIDADE DE OBTER MESMOS VOLUMES E VALORES DA PRODUÇÃO COMBINANDO DIFERENTEMENTE A DOSAGEM DE **CAPITAL, TRABALHO E RECURSOS NATURAIS**, A EFICIÊNCIA DOS PROCESSOS INTENSIVOS EM CAPITAL SUPERA A DOS PROCESSOS INTENSIVOS EM MÃO-DE-OBRA. **S = A. Ca. Tb. (RN)c.** INDÚSTRIAS DE PRODUTOS E DE PROCESSOS. AMPLIAÇÕES.

DIANTE DE UM MUNDO CUJA POPULAÇÃO CRESCENTE SUBDIVIDE-SE EM “**CONSUMIDORES**” E “**SOBREVIVENTES**” RESTA-NOS O DESAFIO DE ATENDER AS NECESSIDADES HUMANAS, ALCANÇANDO PADRÕES DE EFICIÊNCIA, CONDIÇÕES MAIS IGUALITÁRIAS E ÉTICAS NO QUE SE REFERE À VIDA E À REALIZAÇÃO DOS HABITANTES DO PLANETA.

5) OBJETIVO DA PRODUÇÃO

Em Maslow temos a identificação das necessidades humanas: **materiais**, biológicas, higiênicas, de moradia, de alimentação, de segurança, etc.; **sociais**, de pertença, de inserção social, de adaptação, de lazer, etc.; de **realização intelectual**, conhecimento, informação, competência, habilitação, capacitação profissional, artística, etc.; e **espirituais**, filosóficas, religiosas.

A satisfação a essas necessidades gera a miríade de processos de produção e todos os negócios, sem exceção, do hospital, ao armazém, à escola, à fábrica, ao crematório.

6) ALGUMAS CONCLUSÕES PESSIMISTAS:

a) Em um mundo cada vez mais povoado, maximiza-se o volume e o valor da produção intensificando o Capital e minimizando o conteúdo de Trabalho.

b) Pelo lado do CAPITAL, no extremo desse processo, vamos produzir em indústrias mecanizadas, automatizadas e robotizadas. A tendência é perpetuar as desigualdades, e as condições precárias de sobrevivência de parte significativa da humanidade. Quem controla o Capital desenvolve a tecnologia.

c) CONSUMIDORES serão incentivados a consumirem cada vez mais. Análise volume x lucro.

d) SOBREVIVENTES constituem-se na maioria que não acessa a economia de mercado, continuarão relegados à subsistência.

e) O Capitalismo quer a expansão dos mercados, o crescimento não deve ser detido e isso incentiva a que não se contenha o crescimento demográfico.

f) As Esquerdas aceitam o crescimento demográfico, por uma questão cultural e também porque mais insatisfação resulta em maior poder Político - a união faz a força.

g) Motivações diferentes conduzem à obsessão pelo CRESCIMENTO e o Capitalismo do Estado ainda é Capitalismo. Na década de 80, duas contracorrentes não resistiram: “small is beautiful” e o “crescimento-zero”.

h) O Homem do TER e do SER. É mais fácil (SER pelo TER) do que (SER pelo SER).

O Capitalismo ensinou como é o (SER pelo TER).

As Esquerdas e as Religiões procuram ensinar como é o (SER pelo SER). Tanto as esquerdas como as religiões enfrentam enormes dificuldades tanto pelas incoerências intrínsecas como pelas próprias motivações e práticas capitalistas. O TER é um chamamento muito forte.

Resulta em Assistencialismo e Misticismo.

g) ESCAPISMO:

GRANDES PROJETOS da Humanidade foram e ainda são mais importantes como fator de ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE do que propriamente pelas conquistas (Pirâmides do Egito, Maias, Muralha da China, Grandes Navegações, Viagem à Lua). No mundo atual, o Sonho das viagens espaciais é importante para o desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia que geram Bens de Consumo e Facilidades. O Homem não sairá da Terra. Condições físicas, químicas, para um ORGANISMO que se desenvolveu conforme as condições do seu HABITAT. GAIA.

O ESCAPISMO X QUALIDADE NA AUTOSUSTENTAÇÃO.

A Tergiversação e Mistificação dos Discursos.

h) NO MUNDO ONDE PREVALECEM:

- O CONSUMISMO.
- O CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO

HÁ IMPACTOS SOBRE

- A CAPACIDADE DE SUPORTE DO PLANETA. Degradação Ambiental e comprometimento da Qualidade de Vida.

E vamos produzir com o quê, para quê e para quem? - essa é a ponte entre o engenheiro e o filósofo.

Marco Bastos
Roteiro para Palestra
Salvador Outubro/2012



Meus amigos do lado esquerdo do peito Carlos Lúcio Gontijo

O dom da palavra escrita me empurrou desde cedo para pessoas de mais idade, que se me apresentavam mais dispostas (e capazes) de me dar ouvidos. Dessa forma, praticamente não tenho amigos de infância, mas conhecidos de infância era um preço a pagar e eu paguei!

Parte considerável de meus amigos do lado esquerdo do peito já não se fazem presentes no mundo material; são lembranças vivas em minha memória. Eles estão comigo a cada vez que parto à procura de algum patrocínio, ainda que mínimo, para alcançar a edição de um livro, quando a grande maioria das portas se fecha ou me dá as desculpas mais esfarrapadas, para se eximir de me auxiliar na produção de um projeto cultural gráfico. As negativas são tão comuns que não me incomodam mais, pois afinal se tratam apenas de portas que não desejam se abrir, segundo a vontade desprovida de horizontes daqueles a que abrigam!

Confesso que meus amigos de cabelos encanecidos me fazem muita falta, até mesmo na hora de tomar uma cervejinha gelada, cujo tira-gosto principal é o bate-papo construtivo, real e às vezes até metafórico, quando a conversa mergulha no invisível ou na imaterialidade, que anda longe da disputa pelos produtos expostos sob as vitrines iluminadas do capitalismo, onde é preciso ter para se apropriar do sentimento de existir.

Todo fim de ano, ponho-me a lembrar dos tempos felizes que passei ao lado de meus velhos amigos. Vem-me à mente a figura de Elias Maboub, que era meu substituto de absoluta confiança na época em que supervisionava turno de Revisão dos jornais “Diário da Tarde/Estado de Minas”. Grande conhecedor de gramática, mas acima de tudo uma das pessoas mais honestas que conheci em minha vida, nasceu na cidade de Damur, no Líbano, veio para o Brasil aos dois anos e não havia (nem há) neste mundo alguém mais brasileiro que ele.

Que saudades, guardo no coração do amigo José Cândido Ferreira, que foi ao meu encontro por causa de meus artigos no “Diário da Tarde”! Ele era meu leitor assíduo e certa feita, num fim de tarde, subiu as escadas até a redação do jornal com a finalidade de me conhecer pessoalmente. José Cândido tinha naquela ocasião 88 anos e, em seguida, lançou um livro com dedicatória para mim, premiando-me inclusive com citação de frase extraída de um de meus artigos. “Eu, candeeiro de boi” (nome por mim sugerido) é livro que de vez em quando folheio, numa espécie de homenagem ao inesquecível José Cândido Ferreira, que faleceu aos 100 anos.

Outro amigo inarredável de minha memória é Mário Clark Bacellar, arquiteto e também jornalista da extinta e conceituada revista “Manchete”, que lhe deu a oportunidade de conhecer 65 países. Na sala de minha casa, conservo uma mesa que ele me deu de presente, além de um quadro na parede. Mário Bacellar era admirador declarado e constante incentivador de meu trabalho literário. Foi através dele que conheci Graça Paiva em Contagem, que conseguiu reunir um grupo de empresárias contagenses para patrocinar a edição do livro “Pelas Partes Femininas”.

E tem ainda o jornalista Pedro Rabelo Mesquita, que enquanto teve saúde esteve presente em todos os lançamentos de meus livros em Belo Horizonte, chegando mesmo a conseguir patrocinador para coquetel em concorrida noite de autógrafo, com a presença de mais de 300 pessoas, na Associação Mineira de Imprensa (AMI), da qual ele foi membro de diretoria por muitos anos. Hoje, com grave perda de memória, o querido amigo Pedrinho se encontra internado em clínica na cidade de Divinópolis, sob a mais completa solidão de amigos.

No mais, que me desculpem meus casuais leitores pela exposição de lembranças pessoais, mas talvez assim eu esteja passando-lhes, de alguma maneira, a noção de que devemos honrar os amigos, festejá-los para além e acima das comemorações natalinas e de fim de ano, pois a verdadeira amizade é coisa de toda dia, devendo ser protegida e aquecida na humildade e no calor da aura da manjedoura de nossa alma, como se fossem estrelas-guia em nossas vidas.

Carlos Lúcio Gontijo
Poeta, escritor e jornalista
www.carlosluciocontijo.jor.br

A máscara António Barroso (Tiago)

É deveras confrangedor assistir-se a uma declaração pública de incompetência. Vinda, então, dum membro do governo, torna-se ainda mais lamentável, apesar de corroborar a teoria assente, entre a maioria da população, de que os cargos ministeriais apenas servem de alavanca para guindarem os visados a nomeações futuras, generosa e, por vezes, secretamente remuneradas. O interesse público é de somenos importância desde que frases recheadas de nada, mas ditas com ênfase e prolongada meditação, aparentem um aprofundado estudo e respondam a perguntas importunas.

O prémio chorudo virá mais tarde!
Mas o princípio de Peter já se manifesta!.....

Vem tudo isto a propósito dum debate a que assisti, há uns tempos (dois a três anos), num canal público de televisão, sobre o tema problemático, mas bem actual, da violência na escola. Presentes, para além do moderador, o secretário de estado da educação, a doutora Fátima Bonifácio, cujo nome fixei por ter sido várias vezes referido, um psicólogo, simultaneamente professor, e uma professora do curso secundário.

Confesso que fiquei profundamente chocado com as imagens do filme que antecedeu e deu origem ao debate, casos que nunca supus pudessem existir. Que alguns actos, até talvez demasiados, se pratiquem, é do conhecimento generalizado, através da comunicação que, no entanto, parece não ter acesso a todo o mundo estudantil onde ocorrem. É o caso da opacidade da situação, largamente referida durante o debate.

O moderador procurou levar os intervenientes a pronunciarem-se sobre os factos visionados, e todos apresentaram os seus pontos de vista, mais ou menos objectivos, enquanto um secretário de estado, apático, amorfo e com um superior e imbecil sorriso de condescendência, decerto parente afastado de Pilatos, lavava as mãos dos problemas com a mesma água propagandística com que nos banham a curiosidade a que já estamos habituados e apontava a resolução dos mesmos para as escolas onde se processam.

Fácil e hábil resolução!
Como preconizaria La Palisse!...

O psicólogo?, de quem não sei o nome, e do qual se esperaria uma análise em profundidade, embrenhou-se em considerações demasiado pobres e, de tal ordem rotineiras e sem consistência, que ficámos sem saber se falava como psicólogo, se arengava como professor, se condescendia como pai, se adjectivava como assessor do secretário de estado, ou se baralhava tudo de modo a não produzir nada que pudesse ser entendido. Propositado, ou não, foi isso mesmo que aconteceu. Ficou-nos, no entanto, a dúvida se esta atitude teria sido previamente encomendada.

A senhora professora abordou o tema com toda a clareza e objectividade, muito embora eu tivesse ficado com a impressão, talvez errada, não sei, que o medo de represálias não lhe permitiu ir tão longe quanto desejaria. Os seus vinte e oito anos de ensino, como referiu, decerto lhe permitiriam avançar um pouco mais, mas compreendo que, com um ministério tão arrogante como prepotente, se tivesse coibido de atirar mais achas para a fogueira, para não ser queimada pelas faúlhas. Foi pena, porque aquilo que ficou por dizer talvez ajudasse a compreender o que o secretário de estado, confrangedoramente, não soube explicar.

A doutora Fátima Bonifácio expressou-se duma maneira que, há muito, não via em debates televisivos. Sóbria, frontal, sem rodeios, mas bem explícita, sem medos ou complexos, embora simples e concisa, mas clara e ciente daquilo que dizia, chamando os bois pelos nomes, como se dizer-se, começou por apontar como causa principal e directa do assunto em debate, a degradação da sociedade, fruto das tão propagadas amplas liberdades onde os direitos são lembrados e exigidos a cada momento, e as obrigações são meras e ténues reminiscências, convenientemente, esquecidas.

Finalizou, centrando-se na falta de autoridade a que longos e sucessivos governantes têm obrigado a classe docente, na ânsia de obterem estatísticas que convençam eleitores, apontou a demissão dos pais das suas reais obrigações, transferindo-as para os professores, frisou os sucessivos cortes orçamentais que obrigam a turmas demasiado numerosas, discentes em falta, passagens de secretaria, e por aí fora...O dedo desta senhora colocado nos lugares exactos das feridas, não as sarou porque não tinha nenhum unguento milagroso, mas fez saltar o pus que a governação tapa com secreto desvelo, com receio de sondagens desfavoráveis.

Pela conversa contida, sem nexos, balofa, dispersa, inconsequente e contraditória, do secretário de estado, concluiu-se que, casos destes, para a governação, deveriam continuar no anonimato e não serem passados para o conhecimento público.

Quando se governa por sondagens!...

Sempre que confrontado com as perguntas habilmente lançadas por um moderador correcto, sóbrio, muito consciente do seu papel e frontal nas interpelações, cuja dignidade de procedimentos esteve sempre presente ao longo do debate, o referido senhor falava sem nada dizer, arengava sem nada elucidar, balbuciava sem nada responder para, finalmente, anunciar com cínico dogmatismo, que a solução do problema estava na própria escola e não no ministério onde ele era um dos expoentes máximos.

Aqui, o espectador ficaria perdido de riso, não fora o assunto demasiado sério. É que, para ditar toda a espécie de ordens às escolas através de leis, de decretos, de portarias, de despachos, de comunicações, de memorandos, de ofícios, de faxes, de telefonemas, enfim, de todos os meios possíveis, o ministério se declara soberano e relembra a sua legitimidade democrática, mesmo que de forte asneira se trate.

Que importa? Dentro de pouco tempo tudo cairá no esquecimento!...

Mas quando se cuida da resolução, complexa e difícil, dum problema grave, o governo ou entra no campo do silêncio e da confidencialidade, ou se esconde como a avestruz, ou se acoberta na soberba e na arrogância, ou se alheia da responsabilidade que lhe pertence, ou mete as mãos nos bolsos, olha para o espaço, assobia uma melodia e, por fim, quando já não tem mais nada a que recorrer, atira para outro a batata quente, neste caso, a escola que tudo suporta.

E é aqui que dou por mim a pensar se Pessoa terá razão quando diz que “tudo vale a pena...” porque a alma desta gente não só é pequena e mesquinha, como representa a mediocridade e incompetência de quem deveria ser responsável.

Pena tenho eu de quem lhes está subordinado!
Mas mais pena tenho dum povo que tem tais dirigentes!...

António Barroso (Tiago)
Portugal

A ARTE DE ESCREVER SEGUNDO SCHOPENHAUER

Isabel C. S. Vargas



Este é o título de uma obra de Schopenhauer. O Autor, filósofo, nasceu em 1788 na Prússia, atual Polônia, viveu até 1860.

Diplomou-se na Alemanha, era contemporâneo de Hegel com quem tinha acirrada rivalidade. Influenciou Freud, Nietzsche e Bergson.

O livro em questão foi traduzido por Pedro Süsskind.

Transcrevo aqui, algumas idéias do autor, sobre a leitura, os autores e o aprendizado de um idioma estrangeiro.

- Classifica três tipos de autores: os que escrevem sem pensar, a partir da memória, de lembranças ou a partir de livros alheios; os que pensam para escrever, melhor dizendo pensam enquanto escrevem; por último os que pensam antes de começar a escrever. Escrevem porque pensaram.

- O título de uma obra deve ser significativo, curto, conciso, lacônico, expressivo. É contra os títulos prolixos, os ambíguos, os que não dizem nada.

- A primeira regra do bom estilo é que se tenha algo a dizer. A afetação no estilo é comparável às caretas que deformam o rosto.

- Querer escrever como se fala é tão condenável quanto querer falar como se escreve, que resulta num modo de falar pedante e difícil de entender.



- Deve-se evitar toda prolixidade e todo entrelaçamento de observações que não valem o esforço da leitura. É preciso ser econômico com o tempo, a dedicação e a paciência do leitor, de modo a receber dele o crédito de considerar o que foi escrito digno de uma leitura atenta e capaz de recompensar o esforço empregado nela.

- A verdade fica mais bonita nua, e a impressão que ela causa é mais profunda quanto mais simples for sua expressão. Em parte, porque ocupa assim toda a alma do leitor, desimpedida e sem a distração de pensamentos secundários.

Todo efeito provém do próprio assunto.

- Alguns escrevem como um arquiteto constrói: esboçando primeiro um projeto e considerando-o detalhadamente. A maioria escreve como jogamos dominó. No jogo, às vezes segundo uma intenção, às vezes por mero acaso, uma peça se encaixa na outra. O mesmo se dá com o encadeamento e a conexão das frases.

- Nenhuma qualidade literária (capacidade de persuasão, riqueza de imagens, dom de comparação, ousadia, amargura, concisão, graça, leveza de expressão, argúcia, contrastes, laconismo, ingenuidade)

pode ser adquirida pela leitura dos que possuem tal qualidade.

Quem já possui as qualidades em potencial pode evocá-las, trazer à consciência, ver o uso que é possível fazer delas, ser fortalecido na inclinação, na disposição para usá-las, julgar o efeito de sua aplicação em exemplos e assim aprender a maneira correta de usá-las.

É a única maneira da leitura ensinar a escrever, na medida em que ela mostra o uso que pode ser feito com os próprios dons naturais, pressupondo sempre a existência deles.

- Cada livro importante deve ser lido duas vezes. As coisas são mais bem compreendidas em seu contexto na segunda vez, pois a leitura é acompanhada de outra disposição e outro humor. Também porque o início é entendido corretamente quando já se conhece o final.

- Não se encontra, para cada palavra de uma língua, um equivalente exato em todas as outras línguas. Nem todos os conceitos designados pelas palavras de uma língua são exatamente os mesmos que as palavras das outras expressam, por mais que essa identidade se verifique na maioria dos casos. Com frequência são só conceitos semelhantes e aparentados, que podem ser diferenciados por alguma modificação no sentido.

- Quando se aprende uma língua, a dificuldade está em reconhecer cada conceito para qual essa língua tem uma palavra. mesmo que a própria língua de quem aprende uma língua estrangeira não possua palavra que corresponda com exatidão a tal conceito, o que é frequente. Não aprendemos palavras apenas, adquirimos conceitos.

- Mediante o aprendizado de uma língua, tomamos consciência de uma quantidade infinita de sutilezas, semelhanças, diferenças, relações entre as coisas. Nosso pensamento ganha uma nova modificação e tonalidade. É um meio direto de formação espiritual.

- Para ser imortal uma obra precisa ter tanta qualidade que não possam ser entendidas todas por uma única pessoa, mas reveladas ao longo dos séculos, quando é apreciada em vários sentidos sem nunca esgotar-se por completo.

Embora escritos na metade do século 19 os conceitos de A. Schopenhauer devem ser apreciados e sobre eles refletirem todos os que lidam com a palavra como ferramenta de trabalho, como forma de expressão, como arte, como meio de autoconhecimento, como forma de aprimoramento espiritual.

Isabel C. S. Vargas

Pelotas/Rio Grande do Sul/BR

www.isabelcsvargas.com

ROCEIRO
Luiz Poeta
Luiz Gilberto de Barros

O caminhão-basculante veio arrastando o mato, a poeira embaçando a grama, o barulho potente do motor importado assustando os camaleões e lagartos, espantando os tizius, coleiras, sabiás e sanhaços.

De repente, o baque!

Dois bezerros foram colhidos em cheio; outros saltaram a cerca de arame farpado, ferindo-se atabalhoadamente.

A caminhonete vermelha foi parar no barranco.

O vaqueiro chicoteou a égua baia, chegou perto, gritou para o motorista:

- Eh, cumpadre, ocê matou dois bezerro !
- Matei !? respondeu o outro perguntando.
- Matou !
- Pois aqui não é lugar de bezerro pastar !
- É, mas ocê podia pelo menos diminuir a marcha, não carecia de correr tanto...
- Meta-se com a sua vida, seu... Eu corro onde quiser !
- Correr ocê inté pode, só num pode é matar os bicho...
- Se matei, tá matado, que se dane !
- Que se dane não, moço... Ocê tem que pagar os bicho morto, no preço justo !
- Pagar uma ova ! Quero ver quem é o macho que vai me cobrar ameaçou.
- Pois daqui o senhor não sai. Bezerro custa caro.
- Não saio ? Vamos ver se não saio !

O homem foi atrás do banco do carro, pegou uma barra de ferro e desceu disposto a tudo, avançando ameaçadoramente para o outro.

O vaqueiro não se intimidou. Meteu a mão numa garrucha e disparou.

Os dois únicos tiros que a arma suportava, pegaram numa das pernas do motorista.

Cambaleante, ele arrastou-se até o carro, ligou o motor estabonadamente, manobrou o carro e arremessou-o contra o vaqueiro - que se desviou com precisão - e saiu como um relâmpago.

O roceiro apeou, caminhou até os dois animais ensanguentados. Uma difícil lágrima rolava-lhe discreta na face cabocla...

- Desgraçado ! - Choramingou.

Um dos bezerros estertorava, o outro nem se movia.

- Malvado ! Nem pra andar devagar... Por que correr daquele jeito ?

De repente, as sirenes. A viatura policial deslizava ao longe, levantando a poeira amarela da estradinha que circundava o pasto.

O triste homem levantou-se, afagou os animais mortos, montou na égua e sumiu no meio do capinzal.

Véi Mundim consertava a cerca que circundava a casa de madeira. Um prego na boca, outro entre os dedos, o martelo na mão.

De repente, o rumor de cascos no barro,

A sirene acordando o pasto, os tiros pipocando no silêncio vivo do capinzal.

O vaqueiro vinha feito uma bala riscando o tempo, arriado sobre a cela, a égua avançando ligeira.

Quando divisou a porteira, o animal entrou apertado no pequeno vão. O carro da polícia passou direto, estilhando a madeira.

O velho estava boquiaberto; o prego semi-enterrado na primeira martelada...

Do que jeito que vinha, o boiadeiro desmontou num salto, a bota afundou no charco, a égua foi parar logo adiante.

- Que foi, homem ? indagou o velho.

- Depois eu conto, agora é fincar pé no mato!

E sumiu no meio do capim-navalha.

A viatura deu marcha a ré e dela saltaram um tenente, dois soldados e o motorista do caminhão-basculante, capengando.

Os homens foram entrando cocheira-adentro, o pé do oficial arrebentou a taramela.

Véi Mundim olhava-os de soslaio, por trás de uma das lentes dos óculos rachados, o cigarro de palha torto num dos cantos da boca. O martelo firme numa das mãos.

- Onde está o bandido ? perguntou o tenente.

O velho bateu o segundo prego, sem responder; as pupilas azuis como um céu aberto sobre o vale.

O tenente aborreceu-se.

- Como é que é, meu senhor? Onde está o marginal ?

O velho nada respondia. O soldado tentou segurá-lo. O martelo tornou-se um machado.

- Se chegar mais perto, eu abro sua cabeça, sordado !

E abria mesmo, não fosse a intervenção do tenente.

- Calma, rapaz, deixe o moço. chegou-se para o velho demonstrando atitude pacífica.

- Amigo... aquele homem que entrou aqui correndo, baleou este moço aqui apontou para o irritado motorista que massageava a perna atingida.

- Agora já se pode começar uma conversa... disse o velho. De primeiro, ocê preguntô por um bandido... Que se saiba, aquele moço num é nenhum bandido...
- Bem, meu senhor...ele baleou um motorista....
- Adispois, - continuou o velho vosmicê quis sabê de um marginá... se se refere àquele moço que sumiu no mato, também num se trata dele...
- Meu senhor, ele fez uma vítima...

O velho não se abalou:

- Adispois ainda, o sordado raso aí tentou botar a mão ni mim... Como é que ocê ainda tem o descaramento de fazer pergunta a uma pessoa que nunca viu mais gorda ? Seja mais educado, homem ! Cadê os estudo ? Cumpra o seu dever, mas num martrata as pessoa di bem.

O tenente coçava a cabeça, os soldados franziam a testa, o baleado enrijecia os músculos faciais e não se conteve:

- Aquele safado me deu dois tiros !
- Eu conheço ocê de algum lugar ? indagou o velho sem se abalar...
- Além do mais, se levou dois tiro, à toa é que num foi... nessas banda, ninguém leva tiro a troco de nada...
- Ora, seu... o motorista avançou para o velho, que muniu-se de um pedaço de madeira da cerca.
- Eu acho que ocê num tá satisfeito com os dois tiro. Se me provocar, vai ter dois buraco na perna e um taio na cabeça. Vem procê vê !
- Calma, gente, vamos conversar interrompeu o tenente.
- O que nós queremos é saber onde foi aquele moço que estava montado nesta égua aqui, o senhor poderia nos ajudar ?
- Que eu visse, se embrenhou no mato.
- Onde ?
- Ué ! É só oiá pro mato e procurá.
- Bem, o senhor vai nos mostrar onde ele está!
- Quando ele chegou aqui, eu tava pregando as tábua da minha cerquinha. Tava ainda no primeiro prego, quando ouvi toda a barulheira que ocês fizeram.
- Tudo bem, tudo bem, gritou um dos soldados! E pra onde ele foi? O senhor já está deixando a gente nervoso!
- Vem cá, me diz uma coisa... Quem é o comandante desse pelotão? É ocê? É aquele cidadão capenga ou é o outro sordado?
- Soldado, cale-se !
- Mas eu...
- Cale-se ! Eu faço as perguntas! O tenente estava irritado.
- Meu senhor, aquele homem é um criminoso e nós vamos pegá-lo!
- Que nós ? Eu e ocês ? Eu num güento nem carregar um molho de agrião, quanto mais correr atrás de alguém. Ocês é que se vire!
- Mas nós temos que alcançá-lo !
- Ué, e por que não arcançar ainda? Ocês num tão de carro? Ele tá a pé. Qual o pobrema?
- O problema é que... Ora, meu senhor...

De repente, um grito no capinzal:

- Eu tô aqui, seus trouxa ! Pára de conversa-fiada e vem me buscar !
- Estupefatos, todos saíram voando na direção do grito. O tenente, os soldados e o capenga.
- O velho balançava a cabeça reprovando:
- São uns bando de maluco...

As botas pisavam fundo as barrentas poças de lama amassando capinzal; concomitantemente, frangos-d'água, galinhas-d'angola e gaviões acordaram o vale num estrondoso farfalhar de asas, pios, chiados e gritos...

- Vêm me pegá, seus bunda-suja ! gargalhava o peão dentro da capoeira Cês num intendi de genti, vai intendê di mato ?

Dois filas, um doberman, um rotweiller e um pitbull que guardavam a casa grande despertaram do seu sono rural e, curiosos, empinaram ouvidos e narinas na direção do vento que trazia rumores e cheiros urbanos e partiram para cima dos barulhentos forasteiros.

Paralelamente a esse fatídico acontecimento inesperado, as entonações já não mostravam tanta gana em pegar o fugitivo. Os sons eram outros:

- Um cobra ! berrou um dos soldados, a jararacuçu grudada na sua bota.
- O velho continuava a martelar sua cerca, um riso capenga atravessando o vazio entre os dois caninos cariados, enquanto completava:
- São uns bunda-suja mermo.
- Socorro ! era outro gritando, agora o que levava o tiro. No seu encaço, um touro preto enorme um pedaço de cueca vermelha num dos chifres do boi babão.

Bruscamente, o desfecho da perseguição:

- Cuidado ! Areia movediça !!!!

E todos estavam chafurdados naquele monte de lama misturado com gravetos, animais mortos, frutas podres e folhas secas...

À margem da capoeira, o touro bufando, os cães rosnando e o fugitivo mordendo um galhinho de murubu.

- Ocês sabia que aí tem jacaré do papo amarelo daqueles grandão ?

Luiz Poeta

Rio de Janeiro/Brasil

www.luizpoeta.com

Faz frio Jorge Cortás Sader Filho

Os dias têm andado nebulosos, com chuva fina, o que os torna frios.

Fins de agosto, o último mês sem 'r'. Com a entrada de setembro vem a série dos incômodos meses que antecedem o verão, e passado este, astronomicamente quase sempre no dia 21 de março, no hemisfério sul, o calor continua a atazanar nossa baixa latitude.

Acabam uns prazeres, começam outros. O chá quente das tardes, o conhaque fino, tomado com moderação, as sopas perfumadas, o calor da cama melhor quando estamos acompanhados pela pessoa certa.

A velha blusa de lã, já um pouco apertada pelo acúmulo de alguns quilos a mais, as meias esportivas que usamos com o tênis, nas caminhadas. Talvez, deu vontade, um cigarro.

Um no fim da tarde e outro na metade da noite, fumo de qualidade que não deixe o ambiente empestado.

A esteira ergométrica para os preguiçosos, sou um deles, o banho bem temperado logo depois. O filme lançado recentemente no aparelho que reproduz DVD. O livro marcado, com anotações feitas a lápis, a procura de ideias para uma nova crônica, ou tela abstrata impregnada de técnica e conhecimento. Tudo isto livremente, mas sem gratuidades.

A primavera está próxima, começam os dias mais quentes, vem o cretino horário de verão, os dias passando a procura das festas de fim de ano.

Tempos novos. Agora, só ano que vem.

Jorge Cortás Sader Filho

Niterói/BR

<http://aduraregradojogo24x7.blogspot.pt/>



Eu quero é ser Cinderela Rosa Pena

Olhou-se no espelho. Viu-se esplêndida como nunca se vira antes. Naquele instante, a mulher que acabara de se transformar jamais imaginaria que a menina voltaria tão rapidamente.

Agora queria curtir seu corpo e a si mesma, luminosa, cheia de si, imaginando todos os olhares do mundo ali, reconhecendo-a fêmea, adulta, coberta de promessas nessa nova vida. Seu lado masculino apreciava as curvas que se iniciavam.

Admirou novamente aquela mancha, riu baixinho das besteiras que cometera até então, e perdoou-se sem culpas.

Afinal, ainda era uma criança há vinte e poucos minutos. Experimentou o sentimento que não demoraria tanto para que suas bonecas fossem de carne e osso. Sabia que aquelas gotas eram o divisor de vida, aquele que separava a indulgência com os pequenos da maturidade com os grandes.

Ah! Mas por que ainda sentia tão forte esse sentimento de incertezas, de aflições? Será que era assim mesmo e no outro mês passaria ou seria pela solidão naquele banheiro cheio de momentos que se despedaçarão em breve? Aquela banheira com a Barbie loura vai sumir dali. O estojo com as sombras infantis, o batom que não é batom. Não tem certeza se quer a partida deles. Se pudesse ser a mistura do que foi com o que é agora!

Queria lembrar para sempre como era se jogar no colo do pai, da mãe contando as histórias e antecipando os finais, pois sabia que teria que repeti-las, o avô chegando com chocolates, o quanto tudo isso um dia foi maravilhoso, mas, em algum instante, virou mico, então começou a dispensar manifestações de afeto, o beijo maternal, um saco. Felicidade era poder usar sutiã, ainda que sem peito, ficar com um menino mais velho que ela, trocar de celular umas três vezes por ano.

Seus olhos se encheram daquela água salgada e o convencimento, a surpresa e o encanto inicial de se ver fêmea, virou medo. Curvou-se sobre seu sexo e percebeu que o sangue que escorria quente, noticiando o fim de sua infância, voltara a jorrar.

Sabia que sua mãe era corajosa, mas percebeu que ela ainda não era. Que se danem as capas da Playboy que seu irmão fica olhando com aquelas mulheronas, ela ainda queria ser a Cinderela.

Gritou bem alto:

Mamãe! Vem aqui correndo. Virei mulher tão de repente.

Rosa Pena

www.rosapena.com

DESTAQUE

A Revista eisFluências parabeniza o seu prezado Conselheiro de Redacção, Escritor Oleg Almeida, pelo Prémio Bunkyo de Literatura, sobre o Concurso de Poesia em Português com o seu livro "Quarta-Feira de Cinzas".

Segue o veredicto da comissão julgadora do Prémio.

PRÊMIO BUNKYO DE LITERATURA SOBRE O CONCURSO DE POESIA EM PORTUGUÊS

Parece que a pasmaceira que se abatera há muito sobre a nossa poesia está se dissipando aos poucos, mostrando que a “arte pela arte”, bem como o estruturalismo e outras tendências afins são hoje sombras de um passado remoto, cujo descarte se faz necessário.

Algumas das obras poéticas que nos chegaram às mãos sugerem buscas que vêm sendo empreendidas nesse sentido à cata, sobretudo, de uma linguagem que traduza o posicionamento das novas gerações em face da sobrecarga pesada e multifacetada da herança e resultado de um dos períodos mais conturbados de desumanidade, cujas duas guerras mundiais do século vinte não passam parece de meros prólogos.

Os poetas aqui laureados, neste concurso, cada qual a seu modo e dentro de suas linhas mestras, demonstram uma forte inclinação voltada para exploração do potencial linguístico sem se prenderem em demasia à erudição gratuita ou preciosismo das experimentações tão do agrado das gerações precedentes, propiciando desse modo maior aproximação entre poetas e leitores.

Um dos exemplos flagrantes pode ser visto na obra do poeta ainda pouco conhecido entre nós, que navega com bastante naturalidade e fluência em todas as águas do lirismo pós-moderno, sem se prender a ismos e coisas que tais. Proclama o autor num dos poemas:

“Sou Crusoé confinado em sua ilha, um gênio recluso
numa garrafa bojuda, um vento encarcerado entre quatro
paredes. Sei disso e não procuro pela saída: sou livre.”



Trata-se de OLEG ALMEIDA, natural de Bielorrússia que, vindo ao Brasil aos 34 anos de idade, adotou o português como língua de criação literária. Concorre com “Quarta-feira de cinzas e outros poemas”, coletânea que enfeixa grande variedade de formas, tanto fixas como livres, como baladas, soneto, madrigal, haicais, peã (esta de linha clássica greco-romana) e inúmeras outras. Não podemos esquecer, sob pena de emissão imperdoável, do “Tríptico Auriverde” composto de “O Corvo”, “A Cinderela” e “Dois Mundos” inolvidável retrato desvelado do Brasil de nossos dias. Há em seus poemas uma incansável busca de solidariedade humana, lançado mão de vários níveis de linguagem, mantendo, porém, sempre “o compromisso entre o coloquial-cotidiano e as brilhantes pepitas de um vocabulário erudito”, como acentua Cláudio Murilo Leal na apresentação da obra. Cumpre não perder de vista também, entre outros, o poema “Dum spiro, spero” (título em latim, ou em tradução aproximada, “enquanto respiro, tenho esperança”), que arremata com estes versos:

“Forte como as mãos paternas / e serena como uma prece, / a esperança compensa a urgência dos dias / com tanta certeza de não me levarem à morte, mas sim, ao futuro / que partilhá-la convosco, amigos, quero: / posto que grande demais pra mim, em pessoa, seja, / para a humanidade seria de bom tamanho!”

Ao lado de Oleg Almeida temos DÉBORA TAVARES com o seu “Nanquim”, coletânea de poemas de uma transparência translúcida que parece refletir o ser que se projeta no espelho transfigurado em palavras, simples palavras, sim, mas repletas todas de poderosa carga emotiva marcada pelo cotidiano. A vida, sem sombra de dúvida, não se inventa. A imaginação nunca supre a contento o real e nem flui como o transcorrer natural dos acontecimentos onde o acaso, as circunstâncias se interpõem a seu bel-prazer, quase sempre à revelia. Onde podemos buscar o registro emotivo dos fatos ocorridos em nosso dia-a-dia ou mesmo flagrados em sonhos? Tudo que o nanquim de Débora apreende, se apodera, fixa-se em definitivo no imaculado das páginas, qualquer que seja o momento, uma vez que Deus e natureza são uma realidade una no universo da poesia. Confirma-o a poeta com uma singeleza tão espontânea como um ato de respirar, como nestes versos finais do poema “Bolo de limão”:

“Não sou hábil como bolo, nem como Deus, mas Ele
estava ali, num fim de tarde, em meio às raspas de limão.”

Temos a seguir, em mãos, a obra de SÉRGIO FRANCISCO PICHORIM, “Luar de Abril”. Trata-se de uma coletânea de haicais. O gênero, oriundo do Japão, foi uma das contribuições culturais das mais significativas trazidas pela imigração, e cujo cultivo em língua portuguesa foi iniciado entre nós no alvorecer do século vinte. E ao longo do século, com a progressiva integração cultural nipo-brasileira pudemos assistir ao despertar cada vez maior do interesse pelo gênero, levando muitos haicaístas brasileiros a se dedicar ao seu cultivo, voltando sua atenção para a aclimação à língua portuguesa e à literatura brasileira, como bem salienta Paulo Franchetti, um dos grandes aficionados no assunto.

E nesse sentido não podemos olvidar a ação propulsora do mestre Masuda Goga, a quem é dedicado um dos poemas de Sérgio Pichorim:

“Vento de outono.
Por todo o Brasil
os haicais do Goga.”

O elemento sazonal é um dos pontos nevrálgicos do gênero em seu berço, onde a força inescrutável das estações atua de modo incisivo. O mesmo não ocorre entre nós, pelo menos com força constrictora, o que para muitos parece natural em virtude dos fatores climáticos que não deixam de determinar, ou melhor dizendo, condicionar o nosso modo de ver e sentir a vida. Esse elemento sazonal, contudo, não deixa de continuar bafejando os nossos haicais mas de modo próprio, como neste do nosso autor:

“Repletos de verde
os bosques de Irati.
Eis a primavera.”

Já podemos observar em muitos dos nossos haicaistas a presença frequente de fatores humanos, vivenciais de nossa realidade telúrica em harmonia com as manifestações espontâneas da natureza, o que vem desvelando cada vez mais o peculiar da lírica tropical. Da aclimatação já referida emergem inúmeras e expressivas criações que valorizam o “Luar de Abril”, como “Feira de Irati. / Com sabor das pitangas / volto a ser piá.” Ou ainda: “Surpresa de maio. / A cor azul da gralha / em meio de grimpas.”



POETA EN ORIENTE María Sánchez Fernández

Amanecía cuando a once mil trescientos metros de altura sobrevolábamos los Montes Urales. Las ventanillas del avión se veían enmarcadas por un fino y blanquísimo hielo. El sol salía con timidez. Una cordillera interminable de picos blanquecinos se nos ofrecía desafiante en su propia soledad. Llevaba conectado el monitor de mi asiento y miraba con interés la trayectoria del vuelo. Cuando el sol apareció en el horizonte como un disco anaranjado pude ver que allá, muy abajo, estaba Siberia. ¡Con cuánta emoción me metí en su paisaje!, ¡desde tan alto! Llanuras y montañas..., ¡La inmensidad! ¡Cómo recordé los cuentos de Turgueniev, Tolstoi, Gorki y Dostoyevski a los que tan asidua fui desde niña! Ya alcanzábamos Mongolia. Cruzábamos Mongolia y muy avanzado el día nos adentramos en China.

Aterrizamos en Pekín a las diez de la mañana. El calor ya amenazaba. Después de ir al hotel y ponernos cómodos nos dispusimos a disfrutar del programa de viaje que se prolongaría en Pekín durante cuatro días.

Salimos con un guía e hicimos en el autobús una visita panorámica por la ciudad. Nunca pensé que fuera tan hermosa; tan moderna; tan abierta al mundo occidental. Por una de las grandes avenidas, la Avenida Gongti Nanlu, en el distrito Chao Yang, vimos con inmensa alegría un edificio enorme, elegante y moderno en el que con grandes letras podía leerse “Instituto Cervantes”. ¡Qué orgullosa me sentí al pensar que allí, en su biblioteca “Antonio Machado”, se encontraba mi último libro!



Llegamos a la plaza Tian AN-men. Grandiosa en extensión, como todo en China. Había multitudes que se perdían en aquel gran espacio prendido para siempre en la Historia de China y en la Historia del Mundo. Monumentos a efemérides nacionales; banderas rojas que ondeaban en altísimos mástiles; policías inmóviles como estatuas de piedra hacían su guardia sin mover un solo músculo; el mausoleo del presidente Mao; el Museo Nacional; el Gran Palacio del Pueblo...

Visitamos la Ciudad Prohibida con sus palacios rojos y parques poblados de quioscos y pagodas. ¡Cómo me remontaba a tiempos muy remotos viviéndolos tan de cerca! El Templo del Cielo, donde los mismos emperadores rogaban por las cosechas; el Palacio de Verano que miraba al gran lago poblado de barcas techadas con formas de dragón; el Templo de los Lamas, donde budas dorados reían o lloraban escoltados por espíritus del bien o del mal, mientras humos perfumados les eran ofrecidos por devotos postrados en suma reverencia.

Allá, lejos de la ciudad, la gran muralla nos acogía con un gran alarde de poderío defensor.

El último día visitamos el corazón de Pekín que palpitaba muy fuerte con toda autenticidad. Nos adentramos en los barrios antiguos y pudimos palpar muy de cerca el alma de sus calles y sus gentes sencillas. Pequeñas casas con ropas tendidas al sol se servían de leñeras comunes y de baños comunes; multitud de vendedores ambulantes nos acosaban para vendernos por sólo veinte yuanes una cometa de colores o un reloj. Muchachos conductores de rickhaws esperaban al forastero para ofrecer su servicio. El gran mercado rebosaba de gente y de toda clase de mercancía. Nunca vi tanta variedad. Desde peces vivos, huevos azules fermentados, pollos sin plumas y de carne negrísima, calabazas de variados colores, fideos de harina

de arroz o de habas..., hasta candados, cintas y cadenas. Todo se encontraba en aquel mercado. Las calles adyacentes, con tiendas de una sola planta, lucían vistosos letreros y llamativos escaparates.

Por la tarde salimos de Pekín y le dejé estos versos:

Cuando el sudor se convierte en loto

Me recibió Pekín con el aliento en llamas
de su dragón de dorado. Una bruma pesada
se esfumó ante mis ojos dejándome llevar
por sendas no soñadas y laberintos locos.

Tian AN-men se me abría como un enorme abrazo
que quisiera atrapar mi voluntad y mis sueños.
Allá en la inmensidad de piedras y banderas
yo imaginé clamores grabados en la historia.

Los templos milenarios encerraban tesoros
de ancestrales culturas, y budas sonrientes,
mimados por el humo de cirios perfumados,
prometían los soles de nirvanas celestes.

Allá, la gran muralla, como sierpe sagrada,
como feroz guardiana, se arrastraba, subía,
bajaba sigilosa con un silencio eterno
abrazando montañas y protegiendo valles.

Las grandes avenidas desbordaban cristales
que tocaban el cielo como brillantes dedos.
Los lagos se mecían y los parques bordaban
sus alfombras doradas con hojas del otoño.

Mas dentro, allá muy dentro, latía un corazón
de vidas hacinadas donde el sudor brotaba.
Un hermoso muchacho tiraba de un rickshaw
y su limpia sonrisa se convertía en loto.

Después de un vuelo de dos horas aterrizamos en Xi´an. Una ciudad verde y hermosa protegida en su parte más noble por una gran muralla de forma rectangular.



Cerca de la montaña Li Shan visitamos las fosas que acompañan la tumba del primer emperador chino Qin Shi Huang. Nunca quedé más impresionada al ver algo tan extraordinario. Miles de guerreros de terracota a tamaño natural se mostraban en perfecta formación erguidos y desafiantes. Carros de combate con magníficos caballos iban en retaguardia. Dicen que son los diez mil guerreros que el emperador venció en su última batalla para la unificación de China. En un extremo opuesto de la ciudad estaban la Torre de la Campana, que servía para anunciar el día, y la Torre del Tambor para anunciar la noche. ¡Cuánta poesía en Oriente! Nuestra despedida a Xi´an fue con músicas, cantos y danzas de Chang´an de la dinastía Tang, con un Banquete Imperial celebrado en un gran teatro palacio.

Plena de entusiasmo le canté:

Xi´an

Yo te canto, Xi´an.
La princesa guardada.
La de la voz de agua.
La de los pies descalzos
que danza con las cítaras del aire
y las flautas doradas del ocaso.

La que viste de soles
y se desnuda en lluvias.

Cuando el sol se ha dormido
en tu monte Li Shan,
una luna de plata se despierta
derramándose en hilos infinitos,
engarzando el silencio
del agua con la tierra
que se escapa en miradas
perdidas en la nada.

Guerreros milenarios
desenvainan espadas invisibles
y rinden ante ti
su pleitesía de barro.

Volamos hacia Guilin. Nos recibió con calor, mucho calor. El hotel reconfortaba pues su enorme fachada, entera de cristal, en la noche se convertía en magnífica cascada, auténtica cascada de agua fresca con fantásticas irisaciones de luces. Un auténtico espectáculo. Y la ciudad se abría iluminada ofreciendo tiendas y terrazas donde calmar el cansancio y la sed.

Los lagos y los parques la adornaban. El río Li-jiang la poseía, la amaba y la dejaba recorriendo parajes suntuosos. Una gran cordillera, tan extraña como bella, formaba una enorme corona que ceñía el paisaje.

La Gruta de la Flauta de Caña nos llevó a mundos irreales donde las formas talladas por el agua y los siglos nos remontaban a otras dimensiones.

Navegamos por las aguas del Li-jian durante toda una mañana donde degustamos en el comedor del barco la típica cocina china. Las márgenes del río nos saludaban con árboles de copas alargadas, arrozales y manadas de búfalos de agua.

Llovía.



Guilín. Preciosa Guilín. Así le dije adiós:

Guilín

Guilín, eres el canto de las orgías verdes;
de las orgías azules; de las orgías violetas.

Guilín, eres la orgía de todos los colores
en donde se fusionan con lujuria de luz
el andar de los ríos; la quietud de los lagos;
la risa de los valles; el velar de los montes....

Las aguas del Lijiang te regalan orillas
bordadas de arrozales y de búfalos de agua,
donde los pescadores en sus lanchas de aguja
y sus pájaros negros acechan a las carpas.

El Lijiang se te escapa en curvas sinuosas
llamando lujurioso a la extraña cordillera
enlazada de montes, como conos gigantes,
que en su verde-morado perforan a las nubes.

El cielo se ha entoldado y te cubre, Guilín.
Una lluvia de plata se engarza en tus colores.



Tomamos otro vuelo más que puso rumbo a Shanghai.

Cuando entramos por sus grandes avenidas bordeadas de rascacielos quedé impresionada. Jamás pude imaginar que una ciudad tan oriental, fuera tan occidental. Abierta al mundo; a las finanzas; al comercio; a la desafiante arquitectura. Abierta al mar.

El río Yangtsé, como un enorme sable la atraviesa, la corta, le hace recordar sus más nobles orígenes pero Shanghai sonríe en la noche, con una sonrisa de luces de colores, con gigantescos rótulos que hablan en su lengua y en lenguas extranjeras; con su gran malecón iluminado; la torre Gin Mao; la Perla de Oriente..., y en el día parques, y estanques con isletas de lotos donde nadan enjambres de carpas rosadas, siempre vigiladas por aves pescadoras; los bellísimos budas de jade, de tamaño natural y

custodiados celosamente como las joyas más valiosas; el Barrio Antiguo, de calles sinuosas con casas rojas y doradas, mostraban multitudes que deseaban prolongar aquellas horas mágicas con algún que otro recuerdo. La música fluía de flautas y tambores de artistas ambulantes.

Y llegó la partida y dejamos Shanghai. Con un regusto de versos en mi boca le canté:

Shanghai

Yo soñaba despierta
en el gris malecón.

Soñaba tener alas;
ser aire o arco iris
para volar muy alto
y llegar a la cima
de las aéreas torres
y contemplar Shanghai.

Las aguas del Yang Tsé
se deslizaban grises,
hacia un nirvana inmenso,
llevando rojas carpas
que hablaban de concordia
con aves pescadoras.

Y Shanghai me abrazaba.
Y me prendió Shanghai.

Me prendieron sus lagos
con macizos de lotos.

Me prendieron sus jades
reencarnados en budas.

Me prendieron sus calles
de laberintos rojos.

Y me prendió su risa
encendida en la noche.

Volamos hacia París en nuestro regreso a España.
Úbeda, España 15 Noviembre de 2012
María Sánchez Fernández

DEPRESSÕES BIPOLARES E DEPRESSÕES UNIPOLARES

Não há Razão para se envergonhar

António Justo

Uma pessoa diagnosticada com depressão unipolar, depressão bipolar, burn-out, borderline, ou outra doença, não deve ser colocada na gaveta do preconceito. Deve ter-se muito em conta que o paciente é uma pessoa como outra qualquer e com direito a ser tratado não como doente, mas como os considerados “normais”, com todo o respeito, dignidade e consideração. De facto não há ninguém que seja cem por cento são. Todos temos alguma “telha” e se pensamos não tê-la, ainda pior: isso significa que ainda não a descobrimos e quem sofre com ela são os outros. A pessoa faz parte da natureza com momentos estáveis e com outros menos estáveis; como a natureza, trazemos em nós as altas e baixas pressões psicológicas que originam dias soalheiros e chuvosos. Fazemos parte dum globo com diferentes zonas climática, ideias e ideologias. Há pessoas com regiões de alma mais instáveis com tsunamis, tempestades incontroláveis. Neste estado há que ir ao psiquiatra para conseguir estabilizar o próprio clima.

No meio de tudo isto há um problema grande que é o próprio preconceito e o preconceito dos outros no que toca à avaliação da doença.

As depressões unipolares tornaram-se entretanto socialmente mais aceites; especialmente o burn-out (esgotamento), adquirido pelo demasiado estresse, por se ter trabalhado demais e por não se ter poupado, indo mais além do que as próprias energias permitiam.

Mundialmente, cada vez mais pessoas sofrem de depressões unipolares. Depressões unipolares são as depressões em que as pessoas só sofrem de disposições depressivas enquanto nas depressões bipolares as pessoas sofrem de fases de depressão e de fases de euforia. Estas são mais raras e menos aceites pela sociedade. Há entretanto grandes diferenças de expressão de depressão e de grau de bipolaridade. Pessoas com depressões unipolares chegam a sofrer mais do que pessoas com depressões bipolares porque aquelas só têm fases depressivas. Naturalmente, tudo depende do grau da depressão que pode ser leve, média ou grave. O estado grave de depressão é escrito por doentes como o inferno na terra. Naturalmente também bipolares, nas fases de depressão, podem chegar a tais estados.

No dia-a-dia as pessoas de convívio com pessoas bipolares têm a tendência a verem em tudo que elas fazem ou dizem como resultado da doença. Isto dificulta a disponibilidade do bipolar em reconhecer a bipolaridade. Todos nós temos características doentes e saudáveis. O alto grau de inteligência, de charme e brilho que muitos bipolares têm, só em parte terá a ver com a perturbação. O doente bipolar nota facilmente, quando está na fase de depressão, porque sofre (nesta fase é fácil reconhecer a doença). Sente-se, porém, muito bem na fase eufórica, não sentindo o patológico dela; reconhece a própria personalidade nela, considerando a fase depressiva, estranha à sua natureza, o que torna difícil o reconhecimento da própria doença.

Quem convive com uma pessoa unipolar ou bipolar, na sua fase depressiva, deve ter em conta que ela, por vezes, fica incapacitada de agir e de tomar iniciativa; muitas vezes tenta mas não consegue. Por isso o paciente precisa muito do acompanhamento e apoio de pessoa íntima para que aquele aceite o que ela diz e cumpra com a medicação. Muitas vezes o bipolar aceita tomar a medicação (estabilizadores de humor) na fase depressiva (fase desagradável de sofrimento) mas quer interrompê-la na fase eufórica (de felicidade). Na fase depressiva, às vezes, o paciente bipolar (tal como acontece com doentes de borderline) tende a ver a causa da sua infelicidade fora de si, criticando extremamente um pseudo-adversário que é responsabilizado pela sua situação e sofrimento. Na fase eufórica sente-se entusiasmado, fala muito, saboreando a sua genialidade e o seu aspecto excepcional e original, mas confundindo, muitas vezes, a fantasia com a realidade. Também chaga a ter prazer em fazer o destrutivo jogando com o risco.

Muitas vezes o psiquiatra diagnostica uma depressão unipolar em vez duma bipolar porque o paciente só se dirige a ele na fase de depressão unipolar sem mostrar as características da fase eufórica.

A oscilação de humor e das fases de maior ou menor ação pode, a nível social e individual, ser gerida de maneira a não se prejudicar a si nem aos outros. Se a doença ajuda a pessoa na sua vida social laboral e artística é uma questão de gestão pessoal se não interferem negativamente com terceiros. Há muitas pessoas, que se não tivesse sido a doença, não teriam atingido a celebridade que atingiram: Fernando Pessoa, Hermann Hesse, Sigmund Freud, Victor Hugo, Winston Churchill, Wolfgang Amadeus Mozart, Charles Chaplin, Napoleão Bonaparte, Abraham Lincoln, Elvis Presley, Woody Allen, e milhentos outros.

A criatividade de grandes artistas e personalidades mundiais foi, muitas vezes, alimentada pela doença bipolar.

Escrevo este artigo na continuação doutros textos “Distúrbio Bipolar ou Transtorno Bipolar”

<http://antonio-justo.eu/?p=1428> e “Distúrbio Bipolar”

<http://antonio-justo.eu/?p=1200&cpage=1#comment-20291>, para complementar aspectos tratados e comentários a eles feitos, e só com o sentido de ajudar. O motivo que me levou a escrever sobre isto foi o facto de conhecer grandes amigos que tinham esta doença e que viviam, por vezes, uma vida dupla de sofrimento a nível privado e de alegria a nível exterior.

Só nos podemos ajudar a nós mesmos ajudando os outros! Mas nós também fazemos parte do outro!

Aqui na Alemanha há muitos grupos de auto-ajuda e em Portugal e no Brasil também. Muitos são gratuitos, havendo outros em que se paga um contributo para despesas com programas próprios. No Porto há um grupo com o apoio duma médica especialista em depressões unipolares e bipolares: <http://www.adeb.pt/>

Se a doença for demasiado forte, chega a bloquear a pessoa. A fase depressiva pode matar a criatividade ou tornar a pessoa incapaz de se expressar artisticamente, por grandes fases. Importante é estar com eles porque sofrem muito embora não pareça. Os amigos são muito importantes e uma fé forte também. O diálogo na intimidade com Deus, ou com o universo, torna-se libertador e ajuda a tirar o gosto de azedo que a vida, por vezes, tem.

Quem tem a doença deve procurar assumi-la, não tendo vergonha de a ter. A vida dos chamados “normais” é, muitas vezes, mais “doente” ainda, que a daqueles que a normalidade considera doente. A esta, falta-lhes, por vezes, um pouco da sensibilidade que aqueles parecem ter a mais.

António da Cunha Duarte Justo

www.antonio-justo.eu

FÉ GRAÇA OU CONQUISTA? **Humberto Rodrigues Neto**

Ao contrário do que afirmam nossos irmãos de outras crenças, também cristãs, ninguém nasce com a fé, e não acredito seja ela uma graça especial de Deus concedida apenas àqueles que a mereçam.

A fé constrói-se na certeza do que nos é ensinado racionalmente, e jamais adquirida na crença em dogmas de difícil assimilação quando submetidos ao crivo do bom senso.

Construímo-la a cada dia, pedacinho a pedacinho, ante a racionalidade do que nos ensinam os bons espíritos e em face das provas irrefutáveis que a todo instante nos chegam através das mensagens que nos comunicam.

É por isso que a nossa fé é firme e não admite dubiedade ou incerteza naquilo em que realmente acreditamos.

Enquanto a doutrinação dos demais irmãos cristãos é ministrada horizontalmente, do centro para os lados, ao rés do chão, a nossa se irradia verticalmente, de cima para baixo.

Vamos tentar explicar melhor como se processa a mecânica de tais procedimentos.

Nas demais ideologias fundamentadas no Cristianismo, um homem lê as escrituras, interpreta-as a seu modo e as transmite a vários outros homens, os quais, por sua vez, as retransmitem a um grupo de outros seres, e assim sucessivamente, sempre horizontalmente, ao nível do solo.

Falível que é o ser humano, a cada transmissão de uns para os seguintes, jamais estarão livres de acrescentar conceitos pessoais e particulares àquilo que recebem, havendo, portanto, a probabilidade sempre presente de adulterações das verdades constantes dos textos originais naquilo que dizem.

A nossa filosofia, porém, nasce e vem diretamente do alto, através da voz direta dos enviados de Deus, os bons espíritos, e caem verticalmente sobre nós, imunes a interferências e livres de quaisquer erros de interpretação, já que adrede submetidos ao criterioso exame de confrades assaz experientes nessas lides.

A fé dos outros é imposta. A nossa é aceita. Eis a grande diferença.

Temos fé, não pela necessidade de sermos agradáveis a Deus, mas por estarmos convictos da verdade existente naquilo em que acreditamos.

Humberto Rodrigues Neto
S.Paulo/Brasil



UNA BURBUJA **María Cristina Garay Andrade**

DEDICATORIA

A mis amadas lectoras y lectores que en la mayoría de los casos sin rostros visibles, pero con manos de palomas mensajeras dejan su huella marcada en el mapa que me acompaña cuando me leen, mi agradecimiento.

Me mente despertó apaciblemente en la calidez de mi cuerpo acogedor y distendido entre la tibieza de las sábanas que me rozan causándome un placer amable, el aroma suave a lavanda lo hace todo más complaciente, no quiero levantarme ¿para qué?... ¡estoy tan bien así!... Dejarme estar es lo que deseo...

Una burbuja transparente de color índigo cristalino me envuelve conteniendo mi energía tibia y en una posición casi fetal la convierto en útero, en el refugio de mi existencia sintiendo la belleza y el goce de lo creado por mi misma para resistir.

Permanezco entresueños, en ese abrigo protector e indoloro donde reposan mis sentimientos genuinos, mis defectos y mis virtudes, con esta yo que me causa inquietudes por momentos y me resulta difícil convivir con su forma de ser.

Estas ganas de estar aquí aislada sin relojes con los ojos cerrados, sin luces ni crepúsculos, sin fantasmas del pasado, ni siluetas del futuro y elevarme a un universo donde la paz recoja mi envoltura para flotar en ella sin ligamentos, eleva mi espíritu para su serenidad.

Casi inmóvil dejo que las ilusiones invadan lo atemporal de mi vida. Mi mente funciona entre la fantasía y la palabra, entre una realidad que niego y la realidad que creo, entre los espejismos de un amor real y el anhelo que burlón entreteje contubernios con la espera.

Afuera, del otro lado de la puerta es otoño, hace frío, crujen las hojas muertas al paso apresurado de la gente por la vereda, el silencio de los pájaros lo hace aún más sonoro y evidente, oscurece mas temprano se acorta la luz de la tarde ¿acaso importa eso? Ahí, va y viene un mundo donde la mayoría trajina de día y duerme de noche, un mundo que corre sin saber mucho por que viven tan de prisa las personas, un mundo dividido por infinidad de submundos desconocidos y distintos, violentos y promiscuos, altruistas y honrados, una mezcla del dios "Abraxas" incomprendible. Un ámbito en el cual nacer implica adaptarse a lo hecho por otros, a vestirmos con culturas hipócritas que distorsionan la esencia del ser original y como en mi caso vivir contracorriente, en contravenciones permanentes y tratando de romper con los encadenamientos que impiden la libertad de mis ojos.

Tal vez sorprenda esta prosa inusual en el blog, pero es mi necesidad de agradecerles su presencia constante, del acompañarme para que mi incentivo de seguir escribiendo no se apague, además es mi sincera intención en dejarles guardado en sus nobles corazones un mensaje de amor en toda la pluralidad y amplitud que la palabra encierra.

Las menciones especiales de personas a quienes adoro porque colman mi vida de dicha me las reservo junto a la burbuja donde reposa hoy mi sensibilidad aromatizada de lavanda.

CON EL ALMA Y MUCHO AMOR
PARA MIS AMISTADES

©María Cristina Garay Andrade©
Monte Grande Buenos Aires Argentina
<http://www.mariacristinadesdemissilencios.blogspot.com.ar/>

DESTAQUE

Foi inaugurado dia 06 de Dezembro de 2012 o sitio da nossa Directora Cultural Carmo Vasconcelos.

Por merecimentos há muito esperados a revista eisFluências deseja-lhe o maior sucesso. Ao leitor recomendamos vivamente este sitio, que não só nos mostra o magnifico trabalho desta poeta, como também nos transporta a recordações que foram belas no seu tempo.

Muitos parabéns

<http://carmovasconcelos.com.li.com/>

Victor Jerónimo

Director

É com muita alegria e uma profunda emoção que trago até vós a minha FÉNIX. Um sonho antigo que tardou a concretizar-se, pois foi se alimentando e criando penas para que pudesse voar. A verdade é que ninguém alça voo sozinho, Deus nos manda os seus anjos e escolhe o momento certo. E este meu sonho só tomou forma graças à generosa ajuda do querido amigo Henrique L. Ramalho que, para além da generosidade de coração tem a mestria técnica que tornou possível a elaboração deste site.

São 16 anos de vida literária e 8 anos na rede internética. Julgo ter conseguido reunir o material mais importante, não esquecendo de obsequiar todos que ao longo deste tempo me têm ajudado na caminhada, com a sua atenção, o seu estímulo e o seu amor. Não quis omitir mesmo os amigos que a vida desviou do meu convívio, pois eles foram importantes a seu tempo e fazem parte da minha história. Impossível foi contemplar para já os muitos carinhos recebidos, quer em enlances poéticos, quer em formatações, homenagens, etc. Essas colunas seguem agora como uma breve amostragem, a completar no futuro. Também os banners dos sites amigos estão incompletos, pelo que aguardo os vossos banners para serem incluídos. A "Fénix" já é e será no decorrer do seu voo muito mais do que um site pessoal. Ela abrirá as suas asas para acolher também as vozes literárias e poéticas de quantos escritores, poetas e amigos se queiram juntar a ela. Muitos já constam deste lançamento com suas obras, outros serão bem-vindos.

Posta esta Introdução, resta-nos esperar que tenham uma agradável leitura, que se encontrem neste espaço e que se sintam felizes por fazer parte deste sonho tornado realidade.

Carmo Vasconcelos

Directora Cultural



FICHA TÉCNICA

Director

Victor Jerónimo
(Portugal/Brasil)

Directora Cultural

Carmo Vasconcelos
(Portugal)

Responsável pela Redacção

Mercêdes Pordeus (Brasil)

Design Gráfico e Composição

Victor Jerónimo

Nosso sitio

<http://www.eisfluencias.ecosdapoesia.org>

Nosso blogue

<http://eisfluencias.blogspot.pt/>

Facebook

<https://www.facebook.com/eisfluencias>

Contacto

eisfluencias@gmail.com

Conselho de Redacção

Carlos Lúcio Gontijo (Brasil)

Clóvis Campêlo (Brasil)

Humberto Rodrigues Neto (Brasil)

Luiz Gilberto de Barros (Brasil)

Marco Bastos (Brasil)

Petrônio de Souza Gonçalves (Brasil)

Correspondentes

Amosse Mucavele (Moçambique)

António da Cunha Duarte Justo

(Alemanha)

María Cristina Garay Andrade

(Argentina)

Nuno Rebocho (Cabo Verde)

María Sánchez Fernández (Espanha)

Oleg Almeida (Bielorussia)

"As autorias das obras aqui presentes são de inteira e exclusiva responsabilidade dos seus autores e dos colaboradores que no-las enviam para publicação, tal como a sua revisão literária. A aderência, ou não, ao Novo Acordo Ortográfico, fica também ao critério dos autores".

Revista de eventos, actualidades, notícias culturais, político/sociais, e outras, mas sempre virada à directriz cultural, nas suas várias facetas.

Propriedade de
Mercêdes Batista Pordeus Barroqueiro
Recife/PE/Brasil

Tiragem: 100 ex

Distribuição Gratuita

Divulgação via internet

Depósito legal
LEI DO DEPÓSITO LEGAL LEI N°
10.994, DE 14 DE DEZEMBRO DE
2004
Biblioteca Nacional
Brasil

